

**OS FUTUROS DA ESCRITA:
DIÁLOGOS ENTRE FLUSSER E TEXTOS DIGITAIS E POÉTICOS¹**

**FUTURES OF WRITING:
DIALOGUES BETWEEN FLUSSER AND POETIC AND DIGITAL TEXTS**

Sheila Mihailenko Chaves Magri²

Resumo

Este artigo traz uma análise dialógica do livro “A escrita - Há futuro para a escrita?”, de Vilém Flusser, com sete textos retirados das mídias digitais e um texto poético de Luis Serguilha, todos eles sobre a escrita. Visamos responder à pergunta flusseriana: “escrever, editar, imprimir e ler textos alfanuméricos ainda faz sentido, tendo em vista a inflação textual e a revolução da informática”? Desta forma, observou-se como o futuro da escrita para Flusser (2010) tornou-se presente e como o pensamento sobre o futuro da escrita ainda dialoga com as problemáticas do mundo da vida, com as oportunidades do pensamento digital, com os interesses do mercado consumidor e com as expressões da língua na escrita poética.

Palavras-chave: Comunicação e Consumo. Flusser. Escrita. Análise dialógica. Serguilha.

Abstract

This article presents a dialogic analysis of the book “Writing - Is there a future for writing?”, written by Vilém Flusser, with seven texts taken from digital media and a poetic text written by Luis Serguilha. All of them are about writing. Our research aimed to answer the Flusserian question: "Does writing, editing, printing, and reading alphanumeric texts still make sense, given textual inflation and the computer revolution?" Given to that, we observed how the future of writing for Flusser (2010) is present nowadays and how thinking about the future of writing still dialogues with the life matters, with the opportunities of the digital thinking, with the interests of the consumer market and with the expressions of the poetic writing.

Keywords: Communication and Consumption. Flusser. Writing. Dialogical analysis. Serguilha.

Introdução

Este artigo constrói um diálogo entre textos de Flusser (2010), retirados do livro “A escrita - Há futuro para a escrita?”, com textos contemporâneos sobre a escrita (publicados nas mídias digitais) e com o livro-poema de Luis Serguilha (2019) que versa sobre a escrita poética. O propósito desta pesquisa foi responder à pergunta-problema que emergiu na escrita de Flusser

¹Trabalho apresentado ao GT – Escrita - Eixo Temático 10: Tem, a escrita, futuro? do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2018. (todas as notas devem utilizar fonte TNR corpo 10, espaço simples)

²Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP, bolsista da CAPES, e-mail: sheila.magri@acad.espm.br

(2010, p.71), em 1987: “escrever, editar, imprimir e ler textos alfanuméricos ainda faz sentido, tendo em vista a inflação textual e a revolução da informática”?

Para estes encontros intertextuais foi adotada a metodologia bakhtiniana de análise dialógica do discurso. Para Bakhtin (2010), cada fenômeno da cultura dialoga com a realidade concreta, a partir de discursos, que são responsivos aos anteriores e de outrem. Para Flusser (2010, p. 129), a realidade não é livre de valores e ela é aquilo em que nós cremos. Assim, para Bakhtin, um fenômeno da cultura “ocupa uma posição substancial qualquer em relação à realidade preexistente de outras atitudes culturais e, por isso mesmo, participa da unidade cultural prescrita” (BAKHTIN, 2010, p.31). Desta forma, a análise realizada teve como objetivo verificar quais eram os diálogos possíveis entre as crenças de alguns textos sobre a escrita, com a problematização sobre o futuro da escrita, articulada por Flusser (2010).

Portanto, foram selecionados como *corpus* sete textos que versam sobre a escrita, encontrados na internet, entre 2019 e 2021. Encontramos alguns sentidos para o futuro da escrita articulados pelos seus discursos. São eles: a valorização da escrita como prática terapêutica para lidar com angústias individuais; a presença de um discurso que preconiza o saber-escrever enquanto uma competência na era digital; o uso de modos de pensar tipificados que ainda gravam vestígios que exprimem sentidos e que são impressos em paredes e projetos de identidade visual; a existência de um sentido compartilhado de que a escrita será substituída pelos códigos digitais; a relação da poesia com as plataformas digitais³ (onde acontece o consumo de poemas, a celebração do poeta e o discurso identitário) e a escrita poética enquanto uma fala epidêmica libertadora dos objetos representacionais e das imagens.

A partir das análises dialógicas, notou-se que o pensamento de Flusser (2010) sobre a escrita se faz presente no que para ele seriam as três possibilidades para se pensar o futuro da escrita. Dentro da perspectiva dos que escrevem, Flusser (2010) declara em seu livro que:

Há pessoas que escrevem porque acreditam que ainda faz sentido escrever. E há pessoas que não escrevem mais, que voltam, ao contrário, para o jardim de infância. E há também aqueles que escrevem, apesar de saberem que isso não faz sentido. Esse ensaio, embora dirigido ao primeiro e ao segundo tipo de pessoas, é dedicado ao terceiro tipo (FLUSSER, 2010, p. 244).

³ “infraestruturas digitais que permitem a interação de dois ou mais grupos. Portanto, posicionam-se como intermediários que reúnem diferentes usuários: clientes, anunciantes, prestadores de serviços, produtores, fornecedores e até mesmo objetos físicos [...] também vêm com uma série de ferramentas que permitem que seus usuários criem seus próprios produtos, serviços e mercados (SRNICEK, 2017, p.25 – tradução nossa).

Todavia, observa-se, neste artigo, como o futuro da escrita para Flusser (2010) tornou-se o presente nos textos digitais e poéticos e como a metaescrita contemporânea ainda se preocupa com o seu futuro.

Escrita afetiva individual

O primeiro texto que analisamos trata da valorização da escrita como refúgio individual e como prática terapêutica para lidar com pensamentos e sentimentos pessoais. O texto “Escrita afetiva e autoescrita: pode ser transformadora e de descobertas”, publicado no portal do jornal Estado de Minas, fala sobre como a escrita funciona como uma “ferramenta criativa ou afetiva”, que tem a finalidade de aproveitar o tempo da solidão daquele que escreve para “mapear os sentimentos” e promover uma “experiência de auto encontro”. Segundo a autora desse texto, a escrita desempenha a funcionalidade de estabelecer um canal de reflexão consigo mesmo “diante das aflições, medos, inseguranças, ansiedade, rejeição e tudo o mais que possa estar impedindo você de viver com mais leveza e menos dor” (MONTEIRO, 2021). O texto discursa sobre a relação entre o ato de escrever para si como ferramenta poderosa para chegar a “ver a sua história” e para se alcançar uma vivência com mais sentido.

Flusser (2010, p.20) afirma que “quem escreve não só imprime algo em seu próprio interior como também o exprime ao encontro do outro”. Flusser (2010, p. 64) diz que o texto é um destino “que se completa no outro” e que “o esquecimento do outro ao escrever é consequência do auto esquecimento”. Textos são produtos semiacabados e uma procura ao outro. Escrever não é, portanto, somente um gesto voltado para o interior (reflexivo), mas é voltado para o exterior (expressivo) e por isso, escrever é um gesto político (Flusser, 2010, p.20). Embora o texto de Monteiro (2021) seja uma defesa à autoescrita, a jornalista relata essas experiências em um texto jornalístico que vislumbra o seu exterior, os leitores do portal. O texto de Monteiro (2021), como os demais que circulam no jornalismo digital⁴, é escrito para um mediador interno, o editor, como postula Flusser (2010).

Para Flusser (2010, p. 64) “quem escreve tece fios, que devem ser recolhidos pelo receptor”. Para ele, escrever é a expressão de um pensar, “de um sentir, de um querer, de um

⁴ O jornalismo digital, como define a Prof. Dra. Suzana Barbosa, “consegue abarcar as multiplataformas de produção e disseminação de conteúdo, que vão além da plataforma web. Portanto, o termo *digital* consegue abranger as plataformas móveis, os celulares, os iPods, e os novos que virão por aí.” (PRIMO, 2010, p.82).

valorar e de um agir unidimensional”. É a expressão do pensamento interior em uma sequência linear. É a manifestação de uma experiência enquanto processo. Trata-se do refletir organizado por uma consciência histórica e em direção ao outro. Assim, a notícia escrita por Monteiro (2021) se refere à escrita reflexiva, mas é voltada para o exterior. Prega que os leitores do portal jornalístico escrevam para eles mesmos no futuro, não ressaltando na escrita afetiva o seu caráter de exterioridade e de realização política. Ressalta ainda mais os valores individualistas.

Escrita digital eficiente

O segundo texto analisado, “Como escrever muito bem na era digital”, é do portal jornalístico UOL, escrito pelo palestrante Reinaldo Polito (2021). Ele traz a discussão sobre o saber-escrever enquanto uma competência na era digital. Trata-se de um texto persuasivo que visa orientar o leitor sobre a escrita adequada para os meios digitais. Polito diz:

Nos dias atuais, em que a redação passou a ser quase que exclusivamente virtual, a situação adquire dificuldades ainda mais acentuadas. Quase ninguém mais escreve à mão. Da mesma forma que desapareceram as máquinas de escrever. As remanescentes são usadas apenas como recordação, como uma em exposição em meu escritório e que já completou 80 anos (POLITO, 2021).

O autor do texto descreve uma entrevista que fez com Edna Perrotti, que é coautora do livro “Você na Era+ Digital com redação mais eficaz e mais interativa”, cujo objetivo é promover uma escrita capaz de “atender às necessidades da nossa época”. A entrevista de Perrotti no texto aponta que, na era digital, o texto precisa ter “linguagem WEB 4.0” e estabelecer “o foco na presença digital”. O texto tem uma característica programática e afirma que o bom redator digital deve manifestar propósito coerente e evidente, “sempre com a preocupação de construir reputação, credibilidade”. Desta forma, o texto na era digital deve levar em consideração a imagem refletida do escritor e contar com conteúdo relevante aos seus receptores. A escrita digital não pode apresentar erros gramaticais e deve articular palavras-chave para ser encontrado pelos sistemas de busca dos algoritmos (POLITO, 2021). O texto de Polito (2021) dialoga diretamente com a discussão flusseriana sobre os roteiros que “escrevem em direção aos códigos digitais” (FLUSSER, 2010, p. 208). Flusser (2010, p. 202) explica que o roteiro é “algo híbrido”:

[...] uma metade ainda é um texto de um drama a ser encenado e, como tal, descendente de Sófocles; a outra metade já é programação de aparelhos, e como tal, antepassado dos

programas calculados automaticamente por inteligência artificial (FLUSSER, 2010, p.202).

Flusser (2010 p. 204) escreve que “dramas são ações e programas são prescrições”. Neste sentido, o texto de Polito (2021) tem caráter prescritivo e apoia o ideal de que o texto perfeito tem um caráter objetivo, sustentado pelo modo de pensamento digital. A primeira metade do texto trata justamente do drama daqueles que não sabem escrever com eficiência na era digital, que estão voltando ao jardim de infância. Na segunda metade, a entrevistada oferece um roteiro a ser seguido como solução. Perroti descreve no texto de Polito (2021) o programa do seu livro, voltado para a escrita bem-sucedida dentro das lógicas da era digital. Nota-se a supervalorização de um processo de atualização constante de si mesmo, a partir da ignorância inicial e da necessidade de adquirir a escrita digital. A retórica objetiva o consumo do discurso da eficiência individual pelo domínio da tecnologia, para fortalecer o diferencial competitivo.

Tipografia em edificações

O terceiro texto “As dez melhores tipografias para projeto de arquitetura” foi publicado no portal digital de arquitetura, *Archdaily*, por Eduardo Souza (2019). Trata sobre o uso da tipografia na arquitetura, em atividades como a composição de fachadas, em projetos de identidade visual de edifícios e nas pichações.

Entendemos que um dos diálogos possíveis deste texto é com o capítulo no qual Flusser (2010, p. 83) fala sobre a tipografia. É um capítulo com reflexões em várias camadas sobre as passagens dos modos de pensar da fase pré-impressão de livros; do modo de pensar “tipificante” e do modo de pensar pós-escrita, a partir da revolução informática (pensamento digital). Flusser (2010) pondera que as condições concretas na cultura gestam os modos de pensar e paradoxalmente são gestadas por eles. Para Flusser (2010), o pensamento “tipificante” trouxe um impacto sobre as teorias, enquanto criações modulares de conhecimento e gerou a possibilidade de imprimir, de in-formar, não somente em papel, mas em metais e outros materiais, colaborando para a revolução industrial. Sendo assim, os próprios tipos não são pensados por Flusser (2010) como formas invariáveis, mas sim como formas que podem ser “moduladas, aprimoradas e rejeitadas”. No texto analisado, os tipos marcam as paredes.

O texto de Souza (2019) diz que “arquitetos e designers apropriam-se constantemente de elementos gráficos como meios expressivos na esquematização de seus trabalhos” e

acrescenta que “é fundamental na comunicação gráfica a leitura não verbal” (SOUZA, 2019).

O autor do texto afirma que:

A escolha correta da Tipografia conduz à lógica mental na leitura de determinada peça gráfica, seja um desenho, um texto ou mesmo um esquema, num ato convidativo ao leitor atravessar pontes imaginárias entre o real e o imaginário (SOUZA, 2019).

O artigo de Eduardo Souza (2019) também fala do uso da tipografia nos projetos de *design*, fica pressuposto que a maioria destes projetos são desenvolvidos a partir de ou com o uso de *softwares*. Deste modo, pelos projetos de identidade visual de edifícios, pode ser antecipar, na tela do computador, a imagem e várias dimensões de como ficará a construção. Assim, o terceiro modo de pensar que Flusser (2010) aborda no seu texto sobre a tipografia (que é o modo de pensar digital) dialoga com o artigo de Souza (2019). Flusser (2010, p. 86) fala que a tecnologia e a revolução da informática quebram o modo de pensar tipográfico. Ele diz:

[...] os novos sinais, que aparecem em monitores de computador e nas telas dos televisores, não são mais vestígios que se gravam em um objeto, eles não são mais “tipográficos” [...] A tipografia, esse escrever alfabético, pode ser considerada a expressão do pensamento ocidental, histórico, científico e progressista que se tornou consciente...A revolução informática [...] leva a um novo modo de pensar, ainda não evidente, mas já pressentido. Embora possa soar como uma asserção, é na realidade, uma questão que nos inquieta e nos enche de esperança em direção ao futuro (FLUSSER, 2010, p. 86-87)

Flusser (2010, p.77) compreende a tipografia “muito mais como uma nova maneira de escrever e de pensar do que uma técnica para a produção de impressos ou método para disseminação de informações alfanuméricas”. Na sua discussão sobre a tipografia, o pensador tcheco aponta as relações entre a construção do pensamento, a impressão de tipos e as coisas que eles marcam. Assim, o texto de Souza (2019) ainda trata da tipografia enquanto “vestígio” que se grava em projetos (de concretização futura e visualização tecnológica presente) e nas construções de fachadas de edifícios. Todavia, aponta para imaginários e para o não verbal na escrita.

Neste mesmo texto de Souza (2019), o autor faz pequena menção ao uso da tipografia vernacular. Essa, diz ele, “é feita pelo povo, como manifestação cultural, na aproximação ao popular, revelando necessidade de expressão variada, nas diferentes camadas ou polos” (SOUZA, 2019). Ele se refere às pichações nos muros e paredes das construções urbanas. Ou

seja, o artigo aponta para uma tipografia de intervenção popular que imprime seus sentidos sobre as fachadas de edifícios. Assim, os modos de pensar tipificados ainda gravam os rastros que exprimem sentidos para nós e que são impressos nas coisas. Deste modo, talvez, as demarcações entre os modos de pensar “tipificante” e digital estejam borradas e aconteçam em uma fusão de tipos sobre pessoas, sobre fachadas e em projetos tecnológicos. A rasura dessas fronteiras traz “desdobramentos de campos sobrepostos” (FLUSSER, 2010, p. 215). Como apontava Flusser (2010), somente um processo de transcodificação e de tradução poderia nos ajudar a ler estes fenômenos.

Códigos digitais em vez de letras

O quarto texto analisado, “QR Code em vez de letras” (2021), foi publicado no Autonews, portal da indústria automotiva. A notícia discorre sobre o uso do código iQR no design de logotipos para novos modelos de carros e impressos no interior dos veículos, como um substituto das letras e da escrita. A notícia começa com a seguinte declaração:

[...] há quem defenda que a escrita faz parte do passado. A Opel, fabricante alemão de automóveis, está a elevar a digitalização da sua gama de produtos a um patamar acima. As denominações, designações dos motores e emblemas dos futuros modelos da Opel vão ser substituídos por códigos iQR.

A montadora afirma que o uso desses códigos digitais permite a conexão rápida de informações sobre pagamento, localização de oficinas de reparação e tráfego nas estradas. A empresa diz que “em vez de guardar apenas 7.089 dígitos ou 4.296 símbolos, o código desenvolvido pela Opel altera-se e varia na sua forma”. Os iQRs aos quais a notícia se refere parecem sobrescrições, segundo Flusser (2010, p.35). Para o autor, sobrescrições “são sinais gráficos gravados nos objetos ou aplicados em superfícies”. Porém, os códigos gravados nos objetos ou nas telas são digitais. De acordo com Flusser (2010, p. 220), os novos códigos digitais produzem imagens e são “em sua maioria, binários do tipo “1-0” – em virtude de dependerem do tipo de construção dos aparelhos para o qual eles são determinados, e que devem decifrar os códigos”. É exatamente este processo que ocorre para a decifração dos códigos de iQRs, que pressupõe a aproximação de um aparelho celular. Ou seja, para a leitura destas informações são necessários o acesso e o uso de aparelhos intermediários e a inclusão dos indivíduos no contexto da cultura digital. Além de facilitar a quantificação, o rastreamento, o armazenamento e a busca de dados e comportamentos, a vantagem para a montadora é que ela

pode atualizar preços, informações, imagens e valores constantemente. Para Flusser (2010, p. 91), “quanto mais automáticas são as máquinas, mais as prescrições se tornam concisas ... até que se tornarão supérfluas.... e no lugar delas se colocam programas”. Para ele, “os programas não são apenas um modo totalmente novo de escrever, eles são muito mais a etapa final de uma tendência começada nos primeiros escritos” (IDEM, 2010, p. 91). Com os programas não se prescreve aos humanos, mas aos aparelhos. Forma-se, então, um pensamento binário, imagético, não dramático e não atuante, mas voltado para a programação em um movimento de eterno retorno de imagens, como o do pensamento cíclico e mitológico na fase pré-escrita.

Para Flusser (2010) o modo de leitura faz parte de toda escrita e ele está relacionado com a capacidade de escolher. Ler de maneira crítica é escolher pela atribuição de valores, diz o autor (FLUSSER, 2010, p.123). Programar para Flusser (2010, p. 96) “quer dizer, então, atribuição de sentido, e o objetivo dissimulado por trás do ato de programar é deixar o ser humano livre para atribuir sentido ao mundo e a sua vida” e deixar de lado, assim, as escolhas valorativas. O código do iQR não é lido sem a decifração programática, via aparelho, mas pode atribuir sentido de avanço tecnológico ao usuário, obliterando o questionamento de que o próprio conceito de automóvel possa estar ultrapassado, juntamente com as letras.

O texto publicado pela Autonews ainda é uma escrita sobre o fim da escrita. Desta forma, a nossa leitura e análise a partir de suas letras nos permite a articulação do pensamento crítico sobre o pensamento digital. Para Flusser (2010), a interrupção e a pausa no gesto de escrever abre a possibilidade para a reflexão sobre o escrito. O “levantar de sobressalto” para verificar criticamente o sobrescrito é o que o autor chama de “pensamento crítico”. Portanto, neste salto podemos observar, nesse texto, uma “relativização dos valores em relação a um zero absoluto”, a subida a uma posição vazia que impõe como verdadeiro que o interesse das montadoras de veículos automotores está completamente alinhado com o dos consumidores dos seus produtos (FLUSSER, 2021, p. 126). O discurso no texto apaga que a decifração dos códigos iQR não pode ser exclusivamente realizada sem a dependência da vigilância dos programas nas plataformas capitalistas e da atualização constante dos aparelhos tecnológicos. Esta é uma forma de assumir o pensamento digital como o futuro e de cercear justamente a liberdade. As restrições da decifração dos códigos iQR reduzem as possibilidades de combinação dos modos de pensar o futuro fora das categorias preditivas, inclusive.

Escritora nas redes digitais

O quinto texto “Uma poesia que une e reflete vários mundos” (2021) é uma entrevista com Rupi Kaur, poeta-influenciadora-digital. Aborda a interação da poesia com as redes sociais (nas plataformas digitais). O texto considera a poeta Rupi Kaur como “um fenômeno da poesia nas redes sociais e no mercado de livros”. O texto foi reproduzido no portal da revista Isto É, a partir de conteúdo do jornal O Estado de S. Paulo. Ele trata do ato de escrever nas redes sociais.

Podemos dizer que o texto dialoga com o que Flusser (2010, p. 97) denomina de literatura programada. Esta seria “uma situação na qual todos os textos seriam reduzidos, em primeiro lugar, a prescrições, para posteriormente serem computados pela inteligência artificial”. Entretanto, além de armazenar os conteúdos dos textos, os sistemas preditivos prescrevem o comportamento de sucesso nas redes, e embora os enquadre, não os determina. Observamos que o texto analisado menciona a relação da poesia com as plataformas digitais em uma espécie de esforço paralelo à publicação de poemas em livros impressos. Mas há o aspecto do processo de celebração da poeta a partir do modelo de influência digital nas redes sociais e a questão do maior acesso aos poemas. O consumo de poemas escritos se articulam com imagens da poeta e áudios de declamações. Ocorre aqui a “transcodificação de textos codificados alfanumericamente” (FLUSSER, 2010, p. 98). Contudo não é somente isso que podemos analisar. Notamos outras sobreposições de modos de pensar a escrita e a leitura. A poesia, bem como a expressão poética na estética de plataforma digital se torna também uma fala ativista. Trata-se da propagação pela poeta de um discurso identitário em diálogo com uma forma de ativismo social: o feminismo. Rupi Kaur explicita na entrevista que “ser feminista significa ajudar todos os oprimidos. Estar nas intersecções. Enaltecer as pessoas não brancas, as comunidades marginalizadas... ser feminista significa não se calar”. Rupi Kaur diz “escrevo como maneira de compartilhar experiências e a vida”. Flusser (2010) afirmou que:

[...]o novo poeta, munido dos aparelhos alimentados digitalmente, não pode ser tão ingênuo. Ele sabe que tende calcular sua experiência, decompô-la em átomos de experiência, para poder programá-la digitalmente... ele vê a língua como um sistema complexo que lhe chega para ser permutado por ele (FLUSSER, 2010, p. 116).

Se a poesia é, como ressalta Flusser (2010, p. 11), “um jogo com a linguagem cuja estratégia é aumentar criativamente o universo da língua”, pode-se ler este texto jornalístico como uma narrativa da aventura poética de Rupi Kaur. A leitura desta escrita nos levaria a criticá-la e a aceitar a perspectiva de “plataformização da poesia”, de “captura da poeta” pelas

lógicas algorítmicas e de comercialização da imagem da artista. Mas, paralelamente, cabe somar, a esse pensamento crítico, uma visão nova, voltada para o futuro da escrita poética. Existe a possibilidade da adesão da “consciência divertida” presente na cibernética de se aliar a um jogo de enfrentamento. Trata-se do desvio do jogo pelas finalidades e da imersão em um jogo infinito movido por uma convivência mais lúdica e que interage com as lógicas programáticas. Porém, ele tece a escrita crítica em fusão com as imagens. Seria a aposta poética em uma brincadeira de pega-pega, na ótica de quem foge-foge dos encarceramentos, usando a imagem, o som e os ritmos para enganar as representações.

A adoção de um pensamento crítico sobre a transcrição da entrevista com Rupi Kaur pode ser a identificação de uma re-existência da e pela escrita. Pelas palavras, a poesia escapa-escapa. Pelas arestas das plataformas capitalistas, a poeta se apropria da fuga do papel e modifica a língua a partir de uma estratégia que se constrói contra e com a realidade social na era digital. Para Flusser (2010, p. 111), a poesia pode ser como uma fenda que “tomará caminhos até agora inimagináveis, especificamente os caminhos que se abrem graças à introdução de aparelhos e aos seus respectivos novos códigos”.

Escrita e aprendizagem

O texto “Leitura regrediu, escrita também: mães e alunos falam do retrocesso na aprendizagem identificado em pesquisa” foi publicado no portal jornalístico G1, do Grupo Globo (OLIVEIRA, 2021). O texto denuncia que mais de 5 milhões de alunos estão fora da escola devido à pandemia e que a falta das aulas presenciais está afetando o aprendizado das crianças. Cláudia de Lima, uma avó entrevistada na notícia, confessa que: “de coração, ela não aprendeu nada. Ler, ela lê. Mas não escreve bem, tem a caligrafia feia, só sabe usar letra de forma. Até escreve com a cursiva, mas não tem muita desenvoltura”. Para Flusser (2010, p. 29, 20, 21), “escrever é um empreendimento árduo” e é “um gesto que orienta e alinha o pensamento. “Quem escreve teve de refletir antes” e a escrita pressupõe um dirigir-se ao outro que evidencia uma consciência histórica e a expressão de um pensar unidimensional (FLUSSER, 2010, p 18, 20, 21). Assim, esta desenvoltura desejada (pelos parentes) aos alunos depende também do aprendizado deste gesto da escrita, que segundo Flusser (2010), é fundamentado para o desenvolvimento do pensamento histórico e crítico, que, como dissemos anteriormente, faz do escrever um gesto político. Assim, pode-se assumir que os alunos têm

problemas em escrever pela dificuldade de desenvolver este modo de pensar. Uma vez que o estudante necessita do encontro com os colegas e com os professores em sala de aula para escrever. Contudo, o aprender a escrita é tratado na notícia como o manusear o lápis, a caneta, o teclado e a ler o livro dentro das condições materiais e das conexões digitais nas escolas.

Sobre os alunos que estão com dificuldade no aprendizado, Oliveira (2021) afirma que “Jamille só poderá contar com a ajuda da mãe aos domingos e o Cauã corre o risco de ter no futuro as mesmas dificuldades que a mãe afirma ter encontrado na vida porque teve problemas com os estudos”. Esse discurso aborda angústias contemporâneas sobre a finalidade da educação. Atribuindo à escrita o sentido de ser um meio para a aquisição do aprendizado necessário para melhorar as condições de sobrevivência dos alunos no futuro. Não se trata do futuro da escrita, mas da importância do aprender a ler e a escrever para o aproveitamento do conhecimento pelo mercado garantindo a sobrevivência. Como afirma Flusser (2010 p.227), a partir dos novos códigos digitais, o ‘futuro’ e as possibilidades tornam-se sinônimos”. Nesta lógica, a dificuldade de aprender a ler e escrever diminui as possibilidades de trabalho. Não se trata da sobrevivência da escrita, mas da sobrevivência pela escrita. Entretanto, Flusser (2010, p. 27) declara que, mais do que abrir possibilidades, escrever é “o gesto de um sujeito que avança contra os objetos” que “faz incisões do “Espírito” nas coisas para que o escritor não se torne justamente condicionado por elas. Isso vale aos condicionamentos da sobrevivência dentro do sistema capitalista. Escrever para Flusser (2010) não significa sobreviver, mas a escrita pode se tornar um gesto de ruptura dos encarceramentos. Escrever é o “gesto do querer livrar-se de uma resistência obstinada que os objetos oferecem ao sujeito” (FLUSSER, 2010, p. 27).

Escrita, língua e a fala poética

O sétimo texto analisado “Falar é morder uma epidemia” é um ensaio publicado na revista-digital-literária, Palavra Comum. Ele traz o prefácio em forma de ensaio do livro, de mesmo título, do poeta contemporâneo, Luis Serguilha (2019). O ensaio foi escrito pela filósofa Ana Maria Rodrigues Oliveira (2019). Ela escreve sobre a sua leitura do livro de Serguilha (2019) e menciona que a escrita do poeta “acontece de uma forma exilada, irrequieta e aparentemente desalinhada, envolta em depredação onde desenraiza o material”. Trata-se de um escrever libertador da resistência dos objetos representacionais. A filósofa Ana Maria Rodrigues Oliveira (2019) afirma que Serguilha (2019):

Realça o pavor das forças expressionistas sempre em mudança, onde se captam incontornáveis atrocidades. O poeta liberta-se como quebrador de consciências, entrando em rutura com o imposto numa acesa perspectiva agramatical que se acende na impessoalidade, deslocando-se num abismo de saberes movíveis, em transe incontornável, transitando entre topografias de explorações e estranhezas, que se esgrimem através da escrita (OLIVEIRA, 2019).

Nas suas reflexões, Flusser (2010, p.66) menciona que os textos expressionistas “não dão atenção aos seus receptores. Eles podem, inclusive, ter um baixo grau de legibilidade. Eles podem ser “conotativos” (obscuros), isto é transmitir mensagens ambíguas e plurissêmicas”. Flusser (2010, p. 113) também defende que “os poetas são nossos órgãos dos sentidos. Nós vemos, ouvimos, sentimos sabores e cheiros devido aos modelos que nos são apresentados pelos poetas”. Não é à toa que o poeta português lançou seu livro no Brasil, em 2019, alguns meses antes da pandemia do Coronavírus ser anunciada. O livro tem como título “Falar é morder uma epidemia”. O texto de Serguilha é um poema colossal sobre a escrita poética. Nele, os versos falam sobre as línguas a partir de duas personagens rítmicas mais constantes: a excripta e a leitora. O poeta radicaliza no texto os perigos das proliferações da língua à uma visibilidade máxima. A fala invisível se torna uma mordida de línguas viral, uma epidemia. Segundo o texto da ensaísta:

A epidemia insere-se no perigo dos tempos enraivecidos. Neste contexto, a fala que tenta compulsivamente o suicídio, alimenta-se de contágios e de flagelos, disseminados por todo o lado. Deste modo tal como Serguilha, o leitor alcança campos incertos de sofisticação existencial, apercebe-se de um mundo sem verdade onde proliferam as arquiteturas do inverso em manobras espaciais e temporais.

Como declara Flusser (2010, p. 150) “pegar e girar o livro pode servir como modelo do gesto revolucionário”, abrir e folhear o livro são atos que seguem escolhas, mas podem abrigar camadas de acaso. Neste sentido, abrimos, folheamos e, ao acaso, lemos o livro-poema de 367 páginas de Luis Serguilha (2019). Analisamos o texto do livro impresso em papel. Flusser (2010, p.147) diz que “o papel é qualquer base que absorve todas as nossas experiências e conhecimentos”. A escrita poética impressa em papel de Serguilha (2019) afirma que:

[...]o poema estremece nas afectações da incerteza contínua porque ninguém inventa o espaço da língua da feiticeira sem forqueaduras (**a língua é uma cortadora de espaços**) desbastem-na (reconfigurar dramas, atontar-se, retrotrair transe, dismantelar golpeaduras, dessubstanciar melancolias, ulcerar finisterras, retraçar o inacessível, desviar rasgamentos, infinitizar baques intersticiais, deformar tessituras) esquivam-na nas tecelagens de repetições improvisadas[...] (SERGUILHA, 2019, p. 292 – grifos do autor)

“Falar é morder uma epidemia” é um livro-poema que ecoa as falas sobre a escrita e sobre a leitura. E essa mesma potência da “língua cortadora de espaços” na sua forma conotativa de poema em livro, estende horizontes e amplia as brechas da realidade. Para Flusser (2010, p. 106) “as nossas línguas são códigos extraordinariamente fecundos. O universo delas é extraordinariamente rico”. Para o filósofo tcheco, devemos temer perder a língua, pois ela é “uma herança preciosa que nos foi dada”. Flusser (2010) alertou que existirão poetas que “utilizarão a língua, além de outros códigos já em evidência”. Por isso, a poesia falada é tão criativa. Segundo Oliveira (2019), a inspiração criativa de Serguilha (2019) é embebida por tramas fractais, onde assomam enredos e viagens interpretativas entre corpo e espírito, tornando visível o invisível (OLIVEIRA, 2019). Serguilha (2019) escreve:

[...] porque a excripta se reconstrói nos entretempos da oralidade traída e se contradiz no caminho da blasfêmia do não-dito que centraliza o leitor num mundo de descontinuidades políticas, de condenações dos refúgios dos últimos pedreiros-de-rastros com resquícios dos electrochoques das epidemias: aqui-agora, seu corpo será avocado para o fora-adentrado de si-mesmo, no qual se verifica as contracturas demoníacas da vida atemporal, da a-história sem lavragens: as rotas alógicas coexistem nos ricochetes das cadeias acontecimentais (enrolar os desmoraamentos dos olhares nas trepadeiras das necrópoles): (SERGUILHA, 2019, p. 338).

Conclusão

Como resposta preliminar à pergunta-problema levantada por Flusser (2010) em 1987: “escrever, editar, imprimir e ler textos alfanuméricos ainda faz sentido, tendo em vista a inflação textual e a revolução da informática?”, analisamos oito textos contemporâneos, sete deles publicados nas mídias digitais e que versam sobre o futuro da escrita. Encontramos alguns sentidos e não-sentidos para escrita articulados pelos autores dos textos, explicitados nos parágrafos a seguir.

Observamos a valorização da escrita como prática terapêutica para lidar com aflições e angústias individuais. Há um discurso que valoriza o ato de escrever para si como ferramenta poderosa para se alcançar uma vivência pessoal com mais sentido. Ocorre a valorização do gesto reflexivo do escritor, suprimindo o receptor e o caráter de exteriorização do texto e, portanto, o gesto político da escrita.

Notamos a presença de um discurso que preconiza o saber-escrever enquanto uma competência na era digital. Ele se concretiza por uma escrita que descreve um roteiro para a adequação do escritor às lógicas do pensamento digital. O texto na era digital deve levar em

consideração a imagem do escritor, o uso de palavras-chave para sua localização pelos sistemas algorítmicos de busca e contar com conteúdo atraente para seus consumidores-receptores, caracterizando a escrita como técnica eficiente a serviço da imagem.

Os modos de pensar tipificados ainda gravam os rastros, ou os vestígios que exprimem sentidos para nós e que são impressos nas coisas. As demarcações entre os modos de pensar “tipificante” da escrita impressa e o pensar digital estão borradas e acontecem em uma fusão de tipos de pessoas, de superfícies outras, como as fachadas de edifícios e em projetos tecnológicos.

Persiste o sentido compartilhado de que a escrita, por meio das letras, será substituída pelos códigos digitais. Esse discurso apaga que a decifração desses códigos digitais não pode ser exclusivamente realizada sem a dependência da vigilância dos programas e da atualização constante dos aparelhos tecnológicos e dos consumidores-usuários. Esta é uma forma de assumir o pensamento digital como o futuro promissor e de cercear justamente a liberdade.

Há um discurso que versa sobre a interação da poesia e do poeta com as redes sociais via plataformas digitais. Verificamos que a relação da poeta com as plataformas se dá em paralelo à publicação de seus poemas em livros impressos. Ocorre a “plataformização da poesia”, a “captura do poeta” pelas lógicas algorítmicas, o consumo de poemas, o engajamento da poeta em ativismos identitários e a comercialização da sua imagem de artista. Mas, paralelamente, a poeta nas redes sociais apresenta a adesão da “consciência divertida” a um jogo de enfrentamento. Pelas arestas das plataformas capitalistas, uma poeta se apropria da fuga do papel e modifica a língua a partir de uma estratégia com e contra a realidade social e digital.

Captamos um discurso que aborda as angústias contemporâneas sobre o papel da escrita para a educação infantil. Ele atribui à escrita o sentido de ser um meio dos alunos obterem o aprendizado necessário para melhorar suas condições de sobrevivência no futuro. Nesta lógica, a dificuldade de aprender a ler e escrever diminui as possibilidades de trabalho. Não se trata da sobrevivência da escrita, mas da sobrevivência individual pela escrita.

Percebemos também a atuação da escrita poética enquanto uma fala epidêmica. Trata-se de um escrever libertador da resistência dos objetos representacionais. Essa metaescrita poética sobrescrita em papel aponta no texto os perigos e afetos das proliferações da língua, dando a eles uma visibilidade radical, concedendo aparição antecipada a realidades no contemporâneo.

Flusser (2010, p. 245) no Pós-fácio da segunda edição do livro “A Escrita: há futuro para a escrita” afirma que “um ensaio é uma tentativa de incitar os outros a refletirem, de levá-los a escrever complementos”. Assim, esta também é a nossa proposta a partir deste artigo.

Referências

Bakhtin, M. (2002). Questões de literatura e de estética. A teoria do romance (6ª ed). São Paulo: Hucitec.

Flusser, V. (2010). A escrita - Há futuro para a escrita? (1ª ed.) São Paulo: Annablume.

Monteiro, L. (2021). Escrita afetiva e autoescrita: poder transformador e de descobertas. O Estado de Minas. Recuperado em 19 de agosto de 2021 em: https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/04/25/interna_bem_viver,1259218/escrita-afetiva-e-autoescrita-poder-transformador-e-de-descobertas.shtml.

Oliveira, E. (2021). Leitura regrediu, escrita também: mães e alunos falam do retrocesso na aprendizagem identificado em pesquisa. Portal G1- Grupo Globo. Recuperada em 19 de agosto de 2021 em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/02/leitura-regrediu-escrita-tambem-maes-e-alunos-falam-do-retrocesso-na-aprendizagem-identificado-em-pesquisa.ghtml>

Oliveira, A. M. R. (2019). Falar é morder uma epidemia. Revista Palavra Comum, s/p. Ensaio recuperado em 19 de agosto de 2021 em: <https://palavracomum.com/falar-e-morder-uma-epidemia/>

Polito, R. (2021). Como escrever muito bem na era digital. Portal UOL de Notícias. Recuperada em 19 de agosto de 2021 em: <https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/reinaldo-polito/2021/04/27/como-escrever-muito-bem-na-era-digital.htm>

Primo, A. (org.). (2010). Mapeamento 2: do ensino de jornalismo digital no Brasil em 2010. São Paulo: Itáu Cultural.

QR Code em vez de letras (2021). Autonews. Recuperada em 19 de agosto de 2021 em: <https://www.autonews.pt/auto-news/53865-qr-code-em-vez-de-letras/>.

Serguilha, L (2019). Falar é morder uma epidemia (1ª ed.) São Paulo: Reformatório.

Souza, E (2019). As 10 melhores tipografias para projeto de arquitetura. Portal Archdaily. Recuperada em 19 de agosto de 2021 em: <https://www.archdaily.com.br/br/879870/10-sugestoes-de-tipografias-para-arquitetos>

Uma Poesia que une e reflete vários mundos (2021). Notícia com conteúdo atribuído ao Estadão e publicada pelo portal da Revista Isto É. Recuperada em 19 de agosto de 2021 em: <https://istoe.com.br/uma-poesia-que-une-e-reflete-varios-mundos/>

Srnicek, N. (2017). *Platform Capitalism*. Polity Press.